

MOENDO GENTE

a situação do trabalho nos frigoríficos





Sumário

Expediente

ONG Repórter Brasil

Presidente: Leonardo Sakamoto

Conselho diretivo: Claudia Carmello Cruz, Fernanda Sucupira Gomes, Julián Miguel Barbero Fuks,

Paula Monteiro Takada, Rodrigo Pelegrini Ratier

Conselho fiscal: Beatriz Costa Barbosa, João Caldeira Brant Monteiro de Castro,

Luiz Guilherme Barreiros Bueno da Silva

Coordenadores de programas: Daniel Santini (Agência de Notícias), Marcel Gomes (Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis),

Natália Sayuri Suzuki (Escravo, nem pensar!)

Caderno temático **Moendo gente: a situação do trabalho nos frigoríficos** (publicação do programa *Escravo, nem pensar!*)

Equipe Escravo, nem pensar!: Carolina Motoki, Fernanda Broggi, Marina Falcão, Natália Suzuki, Thaís Favoretto e Thiago Casteli

Coordenação editorial: Carolina Motoki e Natália Suzuki

Pesquisa: André Campos e Carlos Juliano Barros

Redação: Carlos Juliano Barros

Seção "Mão na massa": Thaís Favoretto e Thiago Casteli

Pesquisa de imagem: Anali Dupré

Projeto gráfico: Gustavo Ohara

Assistente Financeira: Fabiana Garcia

Assistente Administrativa: Maia Fortes

www.reporterbrasil.org.br | www.escravonempensar.org.br

Impresso no Brasil | 2 mil exemplares | Distribuição gratuita | 2013

Todo conteúdo da Repórter Brasil pode ser copiado e distribuído, desde que citada a fonte.

Copyleft – licença Creative Commons 2.0

MOENDO GENTE: a situação do trabalho nos frigoríficos

Apresentação | p. 4

Cadeia produtiva | p. 6

CARNE, OSSO

Você conhece alguém que trabalha em frigorífico? Consegue imaginar como é o trabalho em um frigorífico? | p. 8

Quais são os principais perigos à saúde do trabalhador de um frigorífico? | p. 10

E o psicológico dos trabalhadores? | p. 12

Não existem leis para proteger a saúde dos trabalhadores de frigoríficos? | p. 13

MERCADO

Quem comanda o negócio das carnes no Brasil? | p. 15

E o governo? Ele apoia os grandes frigoríficos? | p. 19

DIREITOS DO TRABALHADOR

O que fazer, então, para melhorar as condições de trabalho em frigoríficos? | p. 20

Por que é preciso mudar? | p. 21

Dá para chamar de escravidão o trabalho em um frigorífico? | p. 22

Mão na massa

Debate televisivo sobre frigoríficos | p. 23

Apresentação

Que o Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo, a maior parte das pessoas já sabe. Aliás, estamos acostumados a ver essa propaganda na televisão. E, de fato, isso é motivo de orgulho para o nosso país. Porém, existe uma parte preocupante dessa história que raramente é contada.

Provavelmente, quem compra uma picanha, uma linguíça ou um filé de frango no supermercado também não imagina que, por trás do pacote bem embalado, existam histórias de milhares de **trabalhadores que adoecem e se lesionam** gravemente todos os dias nas linhas de abate de bovinos, suínos e aves. Graves cortes com facas, além de doenças causadas por movimentos repetitivos e pela exposição constante ao frio, fazem parte do duro cotidiano dos trabalhadores dos frigoríficos brasileiros. Este caderno temático produzido pelo programa *Escravo, nem pensar!*, da ONG Repórter Brasil, traz à tona justamente essas **histórias escondidas**.

Não há dúvidas quanto à importância da indústria de carnes para a economia brasileira. Porém, é preciso conter a euforia e analisar esse fenômeno com olhos críticos. Se os dados econômicos vão muito bem para as empresas do setor, o mesmo não se pode dizer dos indicadores sociais. Estatísticas oficiais do próprio governo federal mostram que trabalhar em um frigorífico é comprovadamente uma atividade de risco.

Muita gente argumenta que há problemas na organização do trabalho em todos os setores econômicos; que não é viável fazer as pessoas pararem de comer carne; que as críticas só prejudicam a imagem do país e beneficiam interesses estrangeiros; ou até mesmo que o sofrimento de alguns é o preço inevitável a se pagar pelo progresso.

A verdade, no entanto, é que muitos dos problemas gerados aos trabalhadores poderiam ser atenuados ou até mesmo sanados com mudanças muito simples. No caso dos frigoríficos, por exemplo, até já existem leis e normas que protegem a saúde dos empregados, mas que nem sempre são devidamente cumpridas pelas empresas – já que isso encareceria o processo produtivo e diminuiria as margens de lucro.

De qualquer maneira, é possível mudar a realidade do trabalho em frigoríficos, reduzindo o ritmo de trabalho, implementando pausas ao longo do expediente e introduzindo inovações tecnológicas. Em resumo, melhorar as condições de trabalho nas indústrias de carne nem de longe é uma missão impossível.

Isso posto, ficam algumas perguntas:

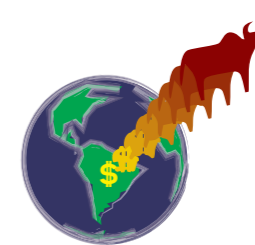
- Quem se beneficia com o fato de o Brasil ser o maior produtor mundial de carne?
- Será que vale a pena manter um sistema que adoeca e lesiona tantos trabalhadores só para inflar nossas exportações?
- E, no final das contas, quem paga o pato?

As duas caras das indústrias de carnes no Brasil:

O setor gera
750 mil

POSTOS de
TRABALHO

Em 2011,
os frigoríficos
EXPORTARAM
15,64
bilhões
de dólares\$



AS CARNES
brasileiras
chegam a
150
países
NO MUNDO

Fontes: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) e Ministério Público do Trabalho (2011-2012)

Porém, comparado a outros segmentos econômicos, os frigoríficos

Geram
2X MAIS
Traumatismos
de CABEÇA



Provocam
3X MAIS
lesões no
ombro
braço

Fonte: Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário do Ministério da Previdência Social (NTEP/MPS)

Confira os produtos agropecuários mais importantes da pauta de exportações brasileira em 2011

Soja	US\$16,31 bilhões
Açúcar/Etanol	US\$16,18 bilhões
Carnes	US\$15,64 bilhões
Produtos florestais (celulose, madeira)	US\$9,64 bilhões
Café	US\$8,73 bilhões

Fonte: MAPA (2011-2012)

Cadeia Produtiva

A **SOJA** ocupa **23 milhões** de hectares no Brasil



METADE de toda área plantada com grãos

Nos últimos **10 anos**,



foi a cultura agrícola que **MAIS CRESCEU: 88%**

De cada **4 toneladas** de SOJA **3 toneladas** são usadas para **RAÇÃO ANIMAL**



No **BRASIL** existem **39 milhões** de SUÍNOS **209 milhões** de cabeças de GADO **+ de 1 bilhão** de AVES



PROPRIEDADES RURAIS BRASILEIRAS = **354 milhões** de hectares

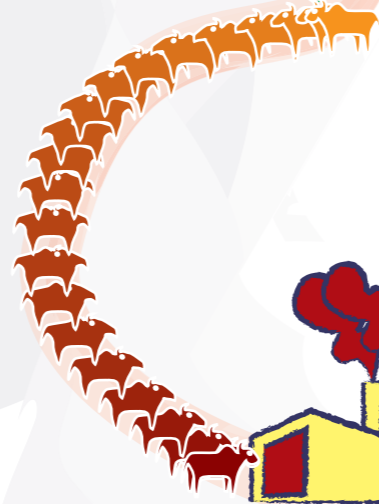


50% = PASTO

1 boi ocupa **1,2 hectare** de terra = **12 mil** metros quadrados = **1,5 Maracanã**



Em 2011, foram abatidas **40 milhões** de cabeças de GADO



Em 2011, o **BRASIL** produziu **24,5 milhões** de TONELADAS de CARNE bovina + suína + aves

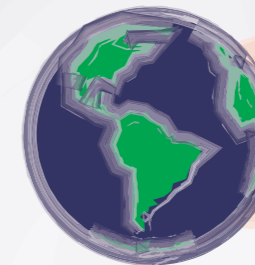
O mercado interno consome **75%** de toda carne **bovina + suína + aves** produzida no país



Em média, um brasileiro consome **37,4Kg** de carne bovina **43,9Kg** de carne de aves **14,1Kg** de carne suína por ano

BRASIL: MAIOR EXPORTADOR MUNDIAL de CARNES

JBS - Marfrig - Brasil Foods responsáveis por **80%** das vendas externas



A CARNE BOVINA *in natura* é EXPORTADA principalmente para: **Rússia - Irã - Egito**

Os produtos industrializados são VENDIDOS principalmente para **Estados Unidos**

Já a **CARNE SUÍNA** é vendida para países como:

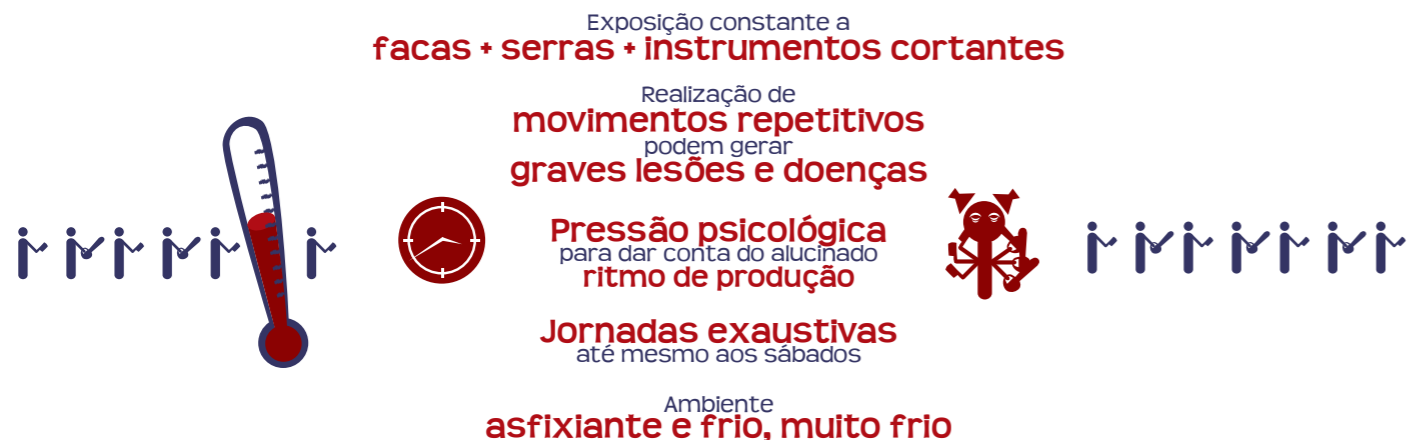
**Rússia
Hong Kong
Angola**

Os maiores compradores das **CARNES de AVES** produzidas no Brasil, são: **Arábia Saudita
União Europeia
Hong Kong**

CARNE, OSSO

Você conhece alguém que trabalha em frigorífico? Consegue imaginar como é o trabalho nesse ambiente?

Quem trabalha em um frigorífico enfrenta diariamente uma série de situações prejudiciais à saúde que a maior parte das pessoas sequer imagina.



Uma das reações naturais do corpo humano a baixas temperaturas é a contração dos músculos. Por si só, isso já exige maior energia para a realização de qualquer movimento. O frio constante também causa impactos no aparelho respiratório e facilita o aparecimento de doenças como sinusite e pneumonia.

“É modo de dizer, mas o serviço no frigorífico é o de um burro de carga. Sentia as mãos congelarem durante o trabalho. E tinha muita dor nos ossos, mesmo depois do expediente.”

Laura*, ex-funcionária de frigorífico em Mato Grosso

* Todos os nomes de trabalhadores e trabalhadoras foram trocados para preservar suas identidades.

Mas um dos principais problemas do trabalho em frigoríficos é a elevada carga de movimentos repetitivos em um curto espaço de tempo.

- Para desossar uma sobrecoxa de frango, por exemplo, há trabalhadores que realizam até **120 movimentos em apenas 60 segundos**.
- Porém, estudos científicos apontam que o limite de ações por minuto deve se situar na faixa de 25 a 33 movimentos, de forma a evitar o aparecimento das chamadas **doenças osteomusculares**.



Cena do documentário “Carne, Osso” | Repórter Brasil (2012)

Ou seja, há trabalhadores que realizam quatro vezes mais movimentos por minuto do que o limite considerado saudável pelos médicos. Tudo isso para manter o elevado ritmo de produtividade cobrado pelas empresas.

“A gente começou desossando três coxas e meia. Depois, nos 11 anos que eu fiquei lá, cada vez eles exigiam mais. Quanto mais tu dava conta, mais eles queriam que tu desse produção. Quando saí, eu já desossava sete coxas por minuto.”

Helena*, ex-funcionária de frigorífico em Santa Catarina

Glossário

Doenças osteomusculares: problemas de saúde associados a esforço repetitivo que lesionam tendões, músculos e articulações. Tendinite e bursite são dois exemplos bastante comuns.

Quais são os principais perigos à saúde do trabalhador de um frigorífico?

“ No tempo que estava lá, eu vi alguns acidentes feios. Acidente de o cara cortar o dedo na serra; acidente de a nôrea arrancar a perna de um cara; acidente de um rapaz que perdeu o movimento do dedo no correntão, tirando do boi. E os demais foram acidentes pequenos, de corte de faca, de dar em torno de 10 a 15 pontos. ”

Vinicius*, ex-funcionário de frigorífico em Mato Grosso do Sul



Cena do documentário “Carne, Osso” | Repórter Brasil (2012)

Em um frigorífico, o contato direto com facas e maquinário pesado gera muitos **acidentes** – classificados tecnicamente de “trauma”. Já o ritmo intenso de trabalho e a carga de movimentos repetitivos provocam as chamadas **doenças ocupacionais**.

Algumas estatísticas oficiais do Ministério da Previdência Social (MPS), do governo federal, mostram que quem trabalha em um frigorífico está **mais exposto a determinados tipos de problema de saúde** do que a média dos empregados em todos os outros setores econômicos brasileiros:

Mosaico de problemas de saúde em frigoríficos

Abate de bovinos

3X MAIS traumatismos de abdômen, ombro e braço

2,24X MAIS problemas de coluna

Abate de aves e suínos

4,26X MAIS inflamações em músculos e tendões

7,43X MAIS lesões no punho

Fonte: NTEP/MPS

“ Cheguei a dormir com a mão amarrada de não aguentar de tanta dor no braço. A posição em que meu braço se sentia melhor era onde eu deixava. Dormia com a mão amarrada na cama. ”

Fernanda*, ex-funcionária de frigorífico em Santa Catarina

É o psicológico dos trabalhadores?

“É tudo fechado, aí eles começaram a proibir a conversa, não podia conversar com o colega do lado porque diziam que atrapalhava.”

Sandro*, ex-funcionário de frigorífico em Santa Catarina

Outro problema de saúde muito comum em frigoríficos é a grande incidência de transtornos de humor – como a depressão. Muitos trabalhadores se queixam não só do **acelerado ritmo** das esteiras e da **pressão por produtividade**, mas também do **ambiente fechado**, em que não se vê a luz do sol.

“É muito nervosismo. A pessoa não aguentava ouvir tanta coisa e não poder dizer nada. Porque, se dissesse alguma coisa, era capaz de te botarem na rua. Então, tu tinha que ouvir e ficar quietinho.”

Silvio*, ex-funcionário de frigorífico em Santa Catarina

Segundo o Ministério da Previdência Social (MPS), no abate de aves e suínos, existem 3,41 vezes mais trabalhadores com transtorno de humor do que na média de todos os trabalhadores brasileiros.

“Não para, não pode olhar para o lado. Não dá para ir no banheiro. Foi mais que duas vezes no banheiro, já vai para o escritório. Passou de cinco minutos, vai para o escritório. Em cinco minutos dava só para subir as escadarias até o vestiário das mulheres.”

Francisca*, ex-funcionária de frigorífico em Santa Catarina

Os transtornos psicológicos também aparecem como consequência das lesões físicas. Isso porque há pessoas que, apesar de sofrerem acidentes graves ou desenvolverem doenças ocupacionais por causa do ritmo de produção imposto pelo frigorífico, acabam se sentindo **culpadas** pela redução (ou pela perda) da sua própria capacidade de trabalho. Também são comuns relatos de pessoas que **se sentem “inutilizadas”** por não terem mais condições físicas de trabalhar.

“É uma coisa bem difícil: a pessoa que se criou trabalhando se sentir sem força mais. Não é fácil.”

Rita*, ex-funcionária de frigorífico em Santa Catarina

Não existem leis para proteger a saúde dos trabalhadores de frigoríficos?

Existem, sim. Na verdade, a legislação trabalhista do Brasil já prevê uma série de medidas que, se devidamente aplicadas, contribuiriam para a proteção da saúde dos empregados do setor de frigoríficos.

O artigo 253 da **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**, por exemplo, ordena a realização de **intervalos de 20 minutos a cada 1 hora e 40 minutos de trabalho** para amenizar os efeitos do frio. São as chamadas “pausas para recuperação térmica”.



Cena do documentário “Carne, Osso” | Repórter Brasil (2012)

O problema é que as empresas **nem sempre cumprem essa determinação**, priorizando a alta produtividade e o lucro. Elas dizem que essa pausa só vale para os trabalhadores dos setores com temperaturas negativas, onde as carnes ficam congeladas. Porém, o Ministério Público do Trabalho (MPT) entende que o intervalo de 20 minutos deve ser estendido a qualquer trabalhador de ambiente “artificialmente frio”. É o caso daqueles que ficam nas salas de desossa de animais, onde as temperaturas são positivas, mas nunca ultrapassam os 15°C. O Ministério Público do Trabalho vem fazendo acordos com frigoríficos de todo o país para melhorar as condições de trabalho, como previsto no artigo 253 da CLT. Quando o acordo não é possível, o MPT tem acionado a Justiça do Trabalho para que as empresas cumpram a lei.

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) também publicou a **Norma Regulamentadora 17 (NR 17)** que trata especificamente sobre questões de **ergonomia** em atividades que exijam sobrecarga do pescoço, dos ombros, das costas e dos membros superiores e inferiores.

A NR 17 também prevê pausas. Mas a adoção desses intervalos está condicionada à realização de análises ergonômicas que nem sempre são feitas com o devido critério por parte dos empregadores. Até porque as empresas temem queda na produtividade com a concessão de pausas a seus funcionários.

Glossário

Consolidação das Leis do Trabalho: criada em 1943 pelo ex-presidente Getúlio Vargas, é a principal legislação brasileira que trata da questão do trabalho. É ela que estabelece os direitos dos empregados formalmente contratados pelas empresas privadas, como férias remuneradas, 13º salário, dentre outros.

Norma Regulamentadora: conjunto de regras determinadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) que determina como deve ser organizado o trabalho em uma determinada atividade produtiva.

Ergonomia: estudo da interação do corpo humano com sua atividade profissional, de modo a prevenir o aparecimento de dores e problemas de saúde.

MERCADO

Quem comanda o negócio das carnes no Brasil?

De cada 10 dólares que todos os frigoríficos brasileiros faturam com a exportação de carnes para países estrangeiros, pelo menos 8 dólares vão para a conta de apenas três deles: JBS, Marfrig e Brasil Foods. Até 2020, o governo brasileiro espera que quase metade do comércio mundial de carnes seja dominado por nossas empresas. E essas três serão as maiores beneficiadas. Apesar de todo esse poderio econômico, elas também têm uma série de problemas em suas unidades industriais espalhadas pelo país. A partir da próxima página, você encontra alguns exemplos.



Leonardo Sakamoto/Repórter Brasil



Raio-x da empresa

O Grupo Marfrig é o terceiro maior produtor de carnes da América Latina. Com 47 plantas frigoríficas espalhadas por dez estados, emprega cerca de 90 mil funcionários. Em 2009, o Grupo Marfrig comprou a Seara, uma das mais conhecidas empresas do ramo de aves e embutidos. Em 2011, o faturamento do Grupo Marfrig chegou a **R\$ 21,9 bilhões**.

O Caso

Por não suportarem o frio intenso da sala de cortes do frigorífico, nove funcionários da Seara (empresa do Grupo Marfrig) do município de Forquilha (SC) não viram alternativa a não ser deixar temporariamente o local. Por essa razão, foram demitidos, em 2006.

Logo após esse fato, o Ministério Público do Trabalho (MPT) iniciou uma investigação sobre as condições de trabalho no frigorífico e entrou com um processo na Justiça contra a empresa.

Em 2011, atendendo a alguns pedidos contidos na ação, a Justiça determinou que a Seara concedesse pausas de 20 minutos a cada 1 hora e 40 minutos de trabalho para atenuar os efeitos do frio e possibilitar a “recuperação térmica” dos empregados.

A sentença judicial também atendeu a outra reclamação curiosa: o frigorífico foi obrigado a liberar a ida ao banheiro de seus empregados, sem a necessidade de avisar previamente a um superior. Na ação, o MPT acusava a Seara de conceder apenas dois intervalos de oito minutos, ao longo de um dia inteiro de trabalho, para que os empregados pudessem satisfazer suas necessidades fisiológicas.

Além disso, a Justiça determinou ainda que a empresa pagasse uma indenização de **R\$ 14,6 milhões** por danos morais coletivos causados pela Seara de Forquilha. A empresa está recorrendo da decisão e garante que está cumprindo todas as exigências legais.

“ Tu não tem liberdade pra tu ir no banheiro. Tu não pode ir sem pedir ordem pro supervisor teu, pro encarregado teu. Isso aí é cruel lá dentro. Tanto que tem gente que até louco fica. ”

Hamilton*, ex-funcionário de frigorífico em Santa Catarina



Raio-x da empresa

Criada em 2009, a Brasil Foods é resultado da fusão da Sadia com a Perdigão, duas das marcas de alimentos mais conhecidas do país. Com 61 fábricas no país, a empresa emprega quase 120 mil funcionários. Em 2011, seu faturamento atingiu **R\$ 25,7 bilhões**.

O Caso

Até 2011, a direção da planta industrial no município de Rio Verde (GO) proibia os homens que trabalhavam no incubatório – setor em que ficam armazenados os ovos que dão origem às aves – de usarem cuecas. Essa estranha regra foi adotada para supostamente evitar uma contaminação do setor. Mas o curioso é que a regra só valia para os homens. As mulheres, por não conseguirem conter o fluxo menstrual, eram autorizadas a usar calcinhas.

O problema só foi resolvido em abril de 2011, quando o Ministério Público do Trabalho (MPT) entrou com um processo na Justiça contra a Brasil Foods, por entender que a proibição violava a intimidade e a dignidade dos trabalhadores do sexo masculino. Na ação, o órgão federal exigia o pagamento de uma indenização de R\$ 630 mil por danos morais coletivos. O problema foi resolvido em junho de 2011. Depois de firmar um acordo com o MPT, a empresa passou a permitir que os empregados homens também vestissem roupas íntimas.

Além de expor seus empregados a situações constrangedoras, o frigorífico de Rio Verde também gerava um número impressionante de trabalhadores lesionados e adoentados. De acordo com o Ministério Público do Trabalho, **90 mil** pedidos de afastamento foram registrados entre janeiro de 2009 e setembro de 2011. Praticamente, é como se a cada 10 meses todos os 8 mil empregados da unidade da Brasil Foods de Rio Verde tivessem que se ausentar por problemas de saúde relacionados ao trabalho. Os afastamentos por distúrbios osteomusculares (os chamados DORT, como tendinites e bursites) foram os mais recorrentes: a média é de impressionantes **28 atestados por dia** e de 842 por mês.

“ A empresa não mostrou nenhuma norma que justificasse o porquê da implantação desse sistema de não usar roupas íntimas. Mas ele foi passado para todo mundo que trabalhava no incubatório, cerca de 140 homens. Como a frente das calças tem uma abertura, na hora da ginástica laboral, dava para ver as partes da pessoa. ”

Jorge*, funcionário em Rio Verde-GO que moveu ação individual contra a Brasil Foods



Raio-x da empresa

Com apoio financeiro de R\$ 8 bilhões do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), banco estatal que tem por missão fomentar a economia brasileira, o JBS comprou uma série de empresas concorrentes e hoje é o maior produtor de proteína animal do mundo. Com 35 unidades industriais no país e mais de 130 mil empregados em todo o planeta, o faturamento da JBS em 2011 atingiu quase **R\$ 62 bilhões**.

O Caso

A unidade de Barretos (SP) da JBS tem cerca de 1.850 empregados. Segundo o Ministério Público do Trabalho (MPT), que em julho de 2011 inspecionou o frigorífico, foram registrados **496 afastamentos** temporários (aqueles com menos de 15 dias) de trabalhadores por problemas físicos e psíquicos no primeiro semestre daquele ano.

Ainda de acordo com o órgão federal, 14% dos empregados estão permanentemente afastados do trabalho devido a acidentes – e sobrevivem graças ao benefício pago pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Se nada for feito para alterar a organização do trabalho na unidade de Barretos, o MPT projeta que, em dois anos, cada funcionário se afastará em média sete vezes do serviço; que **100%** dos funcionários enfrentarão problemas osteomusculares, como tendinites e bursite; e que um em cada seis sofrerá algum tipo de transtorno psíquico.

Para minimizar os riscos à saúde dos funcionários da empresa, o Ministério Público do Trabalho processou a JBS para que ela conceda 20 minutos de intervalo a cada 1 hora e 40 minutos de trabalho contínuo para os empregados lotados em ambientes “artificialmente refrigerados”, com temperaturas abaixo de 15°C. O Ministério Público do Trabalho também exige uma indenização por danos morais coletivos de **R\$ 20 milhões**. Apesar de o mérito do processo ainda não ter sido julgado, o MPT obteve já em 2012 um mandado judicial que obriga a JBS de Barretos a conceder as pausas.

“ Se você for correr atrás dos seus direitos, você tem que ser corajoso. Hoje eu entendo porque muita gente se acidenta, sofre trauma, mas não fala nada. Isso é terrível: você vê colega com dores, ele vai na enfermaria toma um comprimido para dor; no dia seguinte ele volta com dor, toma outro comprimido e continua trabalhando. ”

Julio*, ex-funcionário de frigorífico em Mato Grosso do Sul

É o governo? Ele apoia os grandes frigoríficos?

Desde junho de 2007 para cá, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) já investiu cerca de **R\$ 9,5 bilhões** nos três maiores frigoríficos do país: JBS, Marfrig e Brasil Foods. Mas é importante ressaltar que esse dinheiro todo não representa um empréstimo comum, que precisará ser pago de volta ao banco pelas empresas.

Na realidade, o BNDES – considerado um dos principais instrumentos do governo federal para estimular a atividade econômica – usou esses recursos para comprar ações dos frigoríficos. Em outras palavras, **ele se tornou sócio dessas três empresas**. Na realidade, a maior parte desse dinheiro foi para a JBS, contemplada com R\$ 8,1 bilhões (85% do total).

Vale lembrar que uma parte expressiva do orçamento do BNDES – cerca de 40% – é alimentado com recursos provenientes do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Esse fundo, por sua vez, é mantido com tributos pagos por todos os trabalhadores do país e tem a missão de bancar o abono salarial e o seguro-desemprego daqueles que têm um emprego formal. Ou seja, o governo financia – com o dinheiro dos trabalhadores – um segmento econômico que tem exposto seus empregados a lesões e doenças e que não adota procedimentos que poderiam reverter esse quadro, como concessão de pausas e diminuição do ritmo de trabalho.

Além disso, quando o empregado de um frigorífico passa a receber um auxílio-doença ou precisa se aposentar por invalidez após um acidente grave, quem paga a conta é o INSS – que também é bancado por todos os trabalhadores da iniciativa privada. Então, fica a pergunta: já que investe tanto dinheiro nos frigoríficos, o governo federal não poderia ser mais ágil na cobrança de melhorias nas condições de trabalho nessas indústrias?

Curiosidade: essas empresas frigoríficas têm muita influência política?

Sem dúvida! Por ocupar o terceiro lugar na lista de produtos agropecuários exportados pelo Brasil, as indústrias de carnes têm muito prestígio político. Tanto é assim que o empresário Luiz Fernando Furlan, um dos principais diretores da Brasil Foods, ocupou o importante cargo de Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entre os anos de 2002 e 2007. A família Furlan é fundadora da Sadia, empresa que em 2009 associou-se à Perdigão e deu origem à Brasil Foods.

Para se ter uma ideia de como essas empresas têm prestígio (e dinheiro!), em agosto de 2012, os integrantes da família Batista – fundadora do frigorífico JBS – apareciam no ranking da famosa revista norte-americana Forbes entre as 74 pessoas de maior patrimônio pessoal no Brasil. A publicação é especializada em listar as pessoas mais ricas do planeta. Nas eleições municipais de 2012, o frigorífico JBS foi a oitava empresa que mais fez doações a campanhas de candidatos em todo o país, gastando aproximadamente **R\$ 5 milhões**. É importante deixar claro que essas doações foram feitas de acordo com a lei. Porém fica a reflexão de como deve ser a relação entre uma empresa e um político.

DIREITOS DO TRABALHADOR

O que fazer, então, para melhorar as condições de trabalho em frigoríficos?

Essa não é uma tarefa tão difícil assim. Reduzir a jornada de trabalho, adotar um rodízio de tarefas, diminuir o ritmo da linha de produção e realizar pausas mais frequentes e mais longas são algumas medidas possíveis. Trabalhadores e autoridades competentes já vêm se mobilizando para cobrar melhorias dos empresários.

Em 2010, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) criou um grupo para discutir uma Norma Regulamentadora (NR) que vai determinar exatamente como deve ser o trabalho em um frigorífico.

As negociações ainda não foram concluídas. Mas, quando for aprovada, a NR vai trazer detalhes sobre:

Equipamentos de **proteção individual** que o funcionário **DEVE** utilizar

Adequação dos **POSTOS de TRABALHO** levando em conta **os instrumentos** **facas + serras** **o mobiliário** **mesas + esteiras**

a **velocidade** e **o ritmo de trabalho**

PAUSAS ao logo da **JORNADA de TRABALHO** para que os **TRABALHADORES** se recuperem do **ESFORÇO REPETITIVO** e da **exposição ao FRIO**

A questão das pausas é o assunto que mais divide opiniões, já que os empresários temem queda na produtividade. A meta dos trabalhadores é alcançar um patamar mínimo de 60 minutos de pausa para uma jornada diária de 8 horas e 48 minutos de trabalho. A expectativa é de que a NR seja publicada ainda no primeiro semestre de 2013.

Por que é preciso mudar?

Na última década, o mundo mudou sua forma de enxergar o Brasil. Em 2012, o país alcançou a posição de sexta maior economia do mundo. Jornais internacionais o apresentam como um exemplo de conciliação entre superação da pobreza e crescimento econômico.

O desenvolvimento brasileiro está baseado na exportação em larga escala de recursos primários, como aqueles produzidos pelo agronegócio e pela mineração. Porém, essa produção está associada, em muitos casos, à expulsão de comunidades tradicionais, à devastação de imensas áreas de florestas, à poluição das águas e dos solos com agrotóxicos, entre outros problemas. Também são muito frequentes os relatos sobre as péssimas condições de trabalho nessas atividades.

Um exemplo é o plantio de cana-de-açúcar para produção de etanol, alardeado como uma alternativa ambientalmente mais “limpa” em substituição ao petróleo. Desde 2003, mais de 10,5 mil trabalhadores foram libertados da escravidão pelo Ministério do Trabalho e Emprego em canaviais brasileiros. E até 2011, a Pastoral do Migrante registrou a morte de 24 trabalhadores por exaustão em função do pesado trabalho.

De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na safra de 2012 serão moídas mais de 596 milhões de toneladas de cana, para produção de 38 milhões de toneladas de açúcar e 23 bilhões de litros de etanol.

Assim, podemos afirmar que crescimento econômico não é necessariamente sinônimo de **desenvolvimento** e muito menos de **qualidade de vida** para grande parte da população. Da mesma maneira, de nada adianta que o Brasil seja o maior exportador mundial de carnes se a organização do trabalho nessas indústrias gera inúmeros problemas de saúde a seus empregados. Até porque quem paga a conta do auxílio-doença ou da aposentadoria por invalidez é a sociedade brasileira inteira, por meio do INSS.

Mas não se trata apenas de colocar na ponta do lápis a fria matemática de quem ganha e quem perde dinheiro. É preciso sempre lembrar que o **trabalho decente** é um direito humano fundamental. E, como exposto ao longo deste caderno, melhorar as condições de trabalho em um frigorífico – ou em qualquer atividade – não é uma missão impossível.

Essa é uma pergunta delicada. E rende uma ótima discussão.

O artigo 149 do Código Penal brasileiro define que “jornadas exaustivas”, “condições de trabalho degradantes” e formas de privação de liberdade, como a servidão por dívida, são suficientes para caracterizar um regime de escravidão.

De fato, há casos de frigoríficos fiscalizados por autoridades competentes em que foram encontrados empregados que trabalhavam até 15 horas por dia, muitas vezes sem direito a folga semanal, e expostos a diversos riscos à saúde física e psicológica – como sangue de animais, instrumentos cortantes, frio excessivo e ritmo incessante de trabalho. Sob esse ponto de vista, há quem enxergue em casos desse tipo uma situação “análoga à de escravidão”.

Via de regra, o que se considera trabalho escravo nos dias de hoje é a violação da dignidade humana de um trabalhador, quando não só sua força de trabalho, mas também seu próprio corpo são tratados como mercadoria. São problemas graves que vão além de irregularidades trabalhistas. Até 2012, nenhum caso de violação dos direitos dos trabalhadores em frigorífico havia sido considerado trabalho escravo. Contudo, naquele ano, o Ministério Público do Trabalho flagrou um frigorífico em Cambira (PR) que mantinha 71 trabalhadores em situação de escravidão, recrutados no Paraguai. Eles estavam submetidos a jornadas superiores a dez horas — há casos de jornadas de até 17 horas — e tinham descontos nos salários. Dos empregados, 69 estavam com a documentação irregular, sem visto de permanência no Brasil ou carteira de trabalho assinada.

De qualquer maneira, é importante ter em mente que a superexploração do trabalho não é menos grave do que o trabalho escravo. Ambos são igualmente condenáveis e devem ser combatidos da mesma forma. Até porque o trabalho decente é um direito fundamental de todo ser humano.

O trabalho e a Justiça

Quando um empregado se sente lesado pelo seu patrão, por conta do não pagamento de horas-extras ou pela não concessão de pausas, por exemplo, ele pode buscar a Justiça do Trabalho para fazer valer seus direitos.

O trabalho escravo, como previsto no artigo 149 do Código Penal, não é apenas uma infração à legislação trabalhista, mas um crime contra a dignidade humana. Por essa razão, o empregador que o comete também deve ser julgado pela Justiça Federal, e a condenação por esta prática pode levá-lo à prisão.

A indústria da carne está presente em muitos municípios espalhados pelo país. Para discutir o funcionamento dos frigoríficos e seus impactos, apresentamos uma proposta de atividade didática. Sinta-se à vontade para alterá-la de acordo com o contexto e a realidade do grupo participante.

Debate televisivo sobre frigoríficos

Objetivo: Debater a situação de trabalho em frigoríficos, a partir da reflexão sobre o papel desse ramo da indústria de carnes na economia do país e os impactos do seu sistema de produção na vida de milhares de trabalhadores.

Materiais: Caderno temático *Moendo Gente: a situação de trabalho nos frigoríficos*, cartolinas, revistas, fita adesiva, canetas hidrográficas, lápis de cor

Para escolas:

Etapas de ensino: Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Disciplinas: Estudos Amazônicos, Filosofia, Geografia, História, Português e Sociologia

Duração: 3 a 4 aulas

Primeiro passo: Pra começo de conversa

✦ Nesta atividade, a turma será dividida em dois grupos para uma simulação de debate televisivo sobre o tema proposto. Um dos grupos irá representar empresários e frigoríficos, e outro grupo defenderá os interesses dos trabalhadores. Para isso, será feita uma pesquisa para construção da argumentação.

✦ Antes disso, é importante estimular os participantes a refletirem sobre a temática a partir das suas próprias experiências e realidade. Algumas questões podem nortear essa conversa inicial:

Existem frigoríficos instalados na região? Quais são os benefícios que eles geram? Consegue imaginar como é o trabalho em um frigorífico? Você conhece alguém que trabalha em frigorífico? Você acredita que os frigoríficos geram algum tipo de problema?

✦ Registre as impressões e relatos apresentados pela turma em uma lousa ou em cartazes, separando os aspectos positivos e negativos a respeito do funcionamento dos frigoríficos. Eles poderão ser retomados, confrontados ou aprofundados no debate que será realizado. Na construção deste panorama, o fundamental é o equilíbrio entre as opiniões, para evitar uma posição antecipada e parcial sobre o assunto. Nesse momento, seu papel será facilitar esse levantamento das impressões iniciais, sem aprofundar a discussão.

✦ Você pode complementar a conversa trazendo algumas das questões abordadas neste caderno. Por exemplo, apresente à turma a ilustração da página 5, “As duas caras da indústria da carne no Brasil”, e elabore perguntas para interpretá-la:



✦ A ideia é que a interpretação da ilustração da página 5, somada às questões iniciais, mostre que o assunto é complexo e possui contrapontos. Destaque que uma mesma informação pode ser analisada de perspectivas diferentes, dependendo das intenções de quem lê. O objetivo é familiarizar a turma com o espírito do debate que irá acontecer.

Segundo passo: Preparação para o debate

✦ Antes de orientar a pesquisa, apresente o formato do debate, para que os participantes possam preparar a argumentação de forma adequada.

✦ Explique que a turma será dividida em dois grupos com o mesmo número de integrantes. Cada grupo ficará responsável por construir a argumentação para defender um ponto de vista específico: enquanto um representará os proprietários de frigoríficos e empresas do setor, o outro será porta-voz dos trabalhadores.

empresários

trabalhadores

Como teremos uma dinâmica de debate de televisão (como nos programas eleitorais), as apresentações deverão ser intercaladas entre os grupos. O debate será estruturado em blocos, cada um deles com três etapas específicas:



A duração desses momentos já deve ser combinada com a turma. Sugerimos que a afirmação e a réplica tenham três minutos cada, e a tréplica um minuto, mas você pode propor o tempo que considerar adequado.

Dica: Junto com a turma, escolha alguns participantes para que sejam os jornalistas na atividade. Eles serão responsáveis por fazer a cobertura do trabalho de cada grupo e do debate. Poderão acompanhar de perto a pesquisa, entrevistar os grupos a respeito das ideias elaboradas para a apresentação, das dificuldades encontradas e dos argumentos que serão utilizados, entre outras questões. Além disso, eles ficarão responsáveis pelo registro, síntese e sistematização de todo o processo, incluindo o momento do debate. Todo esse material servirá como subsídio da avaliação coletiva que será feita no final da dinâmica.

Terceiro passo: Construção de argumentação

✦ Com a proposta da atividade em mente, os participantes se dedicarão agora a pesquisar e fundamentar suas apresentações para o debate. O objetivo será buscar e interpretar fontes de informação para a construção de argumentos favoráveis às perspectivas de cada grupo.

✦ Este caderno temático será o principal subsídio de leitura, especialmente seus infográficos, depoimentos e dados estatísticos. Veja se é possível disponibilizar uma cópia do material para cada grupo, transcrever trechos ou até mesmo projetá-lo com data-show.

***Este caderno temático também está disponível no site do Escravo, nem pensar!:**
www.escravonempensar.org.br

✦ Estimule os estudantes a buscarem outras fontes de pesquisa, como jornais, revistas, artigos. Caso existam frigoríficos em seu município, sugira que façam entrevistas com pessoas que trabalham ou que já trabalharam nesses locais. Também existem sites que podem ser úteis neste exercício.

Dica: Você pode sugerir alguns sites para a turma:

Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne <http://www.abiec.com.br/>

Associação Brasileira de Frigoríficos: <http://www.abrafrigo.com.br>

✦ *Essas associações empresariais reúnem números oficiais a respeito da produção de carnes no país, informações gerais e notícias sobre o setor.*

Moendo Gente – As más condições de trabalho nas maiores indústrias brasileiras de carne”
- <http://moendogente.org.br>

✦ *O site, produzido pela ONG Repórter Brasil, traz reportagens especiais que investigam a cadeia produtiva da carne no Brasil e os problemas decorrentes do trabalho nas indústrias de abate de aves, suínos e bovinos.*

✦ Para que o debate seja rico e eficaz, apresente aos participantes algumas perguntas que podem auxiliá-los na construção de suas argumentações:

- *Que informações desses materiais podemos utilizar para construir nossos argumentos?*
- *Quais são os pontos fortes que podemos defender?*
- *Vamos separar nossa defesa em tópicos? Quais são eles?*
- *Quais são os pontos que provavelmente o outro grupo tentará utilizar para se contrapor a nós? Como iremos contra-argumentar?*
- *Como podemos transformar o resultado da pesquisa em materiais de apoio?*

✦ Durante a pesquisa, os grupos devem produzir um material de apoio que será usado no debate. Ressalte que as produções devem levar em consideração o formato de programa televisivo que o debate terá. Cartazes, textos-base para as falas do debate, gráficos, depoimentos e entrevistas são exemplos de suportes coerentes com a proposta.

Quarto passo: É hora do debate!

✦ Finalizado o processo de preparação, chegamos ao momento do debate. Em primeiro lugar, organize o espaço físico onde ele ocorrerá. Peça que os grupos se separem e ocupem lados opostos na sala. A ideia é que estejam frente a frente.

✦ Abaixo apresentamos uma sugestão para a estrutura do debate. Fique à vontade para adaptá-la livremente ou mesmo formular o roteiro de modo diferente. Seria interessante convidar os demais alunos da escola para assistirem ao debate.



Debate: 30 minutos.

BLOCO I. Apresentação: Grupo 01 – 3 minutos

Réplica: Grupo 02 – 3 minutos

Tréplica: Grupo 01 – 1 minuto

BLOCO II. Apresentação: Grupo 02 – 3 minutos

Réplica: Grupo 01 – 3 minutos

Tréplica: Grupo 02 – 1 minuto

BLOCO III. Apresentação: Grupo 01 – 3 minutos

Réplica: Grupo 02 – 3 minutos

Tréplica: Grupo 01 – 1 minuto

BLOCO IV. Apresentação: Grupo 02 – 3 min

Réplica: Grupo 01 – 3 minutos

Tréplica: Grupo 02 – 1 minuto



✦ Enquanto os grupos alternam vez e voz, você vai desempenhar o papel de mediador, controlando o tempo e animando o debate, como um apresentador de televisão.

Importante: Mais do que ter um grupo vencedor, o resultado almejado da atividade é incentivar a reflexão sobre as questões apresentadas pelo caderno temático, além de estimular a interpretação de informações e a construção de argumentos.

✦ Os jornalistas também farão intervenções e registrarão a dinâmica por meio de anotações, fotos e/ou vídeos. Ao final de cada bloco, eles podem apresentar um resumo dos argumentos e fazer comentários. Terminado o debate, farão uma síntese, retomando os principais pontos apresentados pela turma. Poderão também mostrar como foi o processo de pesquisa de cada grupo.

✦ Em seguida, cada grupo poderá fazer uma breve autoavaliação. Caso o debate tenha sido fotografado ou filmado, as imagens podem ajudar neste processo:

Como foi a experiência? O que poderia ter sido melhor? Conseguimos apresentar tudo o que foi planejado? Conseguimos desenvolver uma argumentação consistente? Qual foi o ponto alto da apresentação? O que poderíamos fazer diferente?

✦ Por meio da dinâmica do debate, os alunos construirão suas próprias opiniões a respeito do tema, analisando os dois lados da temática. Você pode ainda solicitar que os alunos façam uma redação individual. No texto, poderão avaliar toda a construção do debate, destacar o que mais e menos gostaram no processo e relatar se a atividade desenvolveu um novo olhar a respeito dos frigoríficos. *Minha visão sobre o trabalho nos frigoríficos mudou? Como avalio os impactos dessa atividade econômica hoje?*

✦ Por fim, vocês podem organizar o material produzido pelos alunos em um mural informativo para expor na escola, incluindo os registros da construção da atividade.

Dica: Caso queira aprofundar ainda mais a discussão, sugerimos o documentário *Carne, Osso*. Produzida pela ONG Repórter Brasil e lançada em 2011, a obra investiga o mundo do trabalho na indústria da carne. As imagens retratam o cotidiano dos trabalhadores nos frigoríficos, com depoimentos de quem já enfrentou essa experiência. Você pode assistir capítulos do filme em:

<http://www.youtube.com/user/reporterbrasil>



Ficha técnica - Carne, Osso
Duração: 65 minutos
Direção: Caio Cavechini e
Carlos Juliano Barros
Realização: Repórter Brasil

Anotações

O programa *Escravo, nem pensar!*, da ONG Repórter Brasil*, desenvolve ações de prevenção contra o trabalho escravo e o tráfico de pessoas por meio da educação. O programa é pioneiro em desenvolvimento de metodologias para abordagem desses temas e assuntos correlatos. Desde 2004, realiza formações, das quais já participaram mais de 2,5 mil educadores e lideranças sociais em 49 municípios das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. Nesses locais, são frequentes os casos de aliciamento de trabalhadores para o trabalho escravo e/ou a incidência do uso desse tipo de mão de obra. O programa também elabora publicações; apoia e financia a realização de projetos comunitários, festivais regionais e concursos escolares. Com essas ações, o *Escravo, nem pensar!* já alcançou mais de 100 mil pessoas em 119 municípios de oito estados brasileiros: Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Piauí e Tocantins.

***Sobre a Repórter Brasil**

A Repórter Brasil foi fundada em 2001 por jornalistas, cientistas sociais e educadores com o objetivo de fomentar a reflexão e ação sobre a violação aos direitos fundamentais dos povos e trabalhadores do campo no Brasil. Devido ao seu trabalho, tornou-se um das mais importantes fontes de informação sobre trabalho escravo no Brasil. Suas reportagens, investigações jornalísticas, pesquisas e metodologias educacionais têm sido usadas por lideranças do poder público, do setor empresarial e da sociedade civil como instrumentos para combater a escravidão contemporânea, um problema que afeta milhares de brasileiros.

Entre em contato conosco:

escravonempensar@reporterbrasil.org.br

Em São Paulo:

*Rua Bruxelas, 169 – Sumaré, São Paulo/SP CEP 01259-020
(11) 2506 6570, ramal 1*

Em Tocantins:

*Rua Porto Alegre, 446 – Bairro São João, Araguaína/TO CEP 77808-070
(63) 3412 5884*

www.escravonempensar.org.br | www.reporterbrasil.org.br

Provavelmente, quem compra uma picanha, uma linguiça ou um filé de frango no supermercado não imagina que, por trás do pacote bem embalado, existam histórias de milhares de trabalhadores que adoecem e se lesionam gravemente todos os dias nas linhas de abate de bovinos, suínos e aves. Graves cortes com facas, além de doenças causadas por movimentos repetitivos e pela exposição constante ao frio, fazem parte do duro cotidiano dos trabalhadores dos frigoríficos brasileiros.

Este caderno temático produzido pelo programa *Escravo, nem pensar!*, da ONG Repórter Brasil, traz à tona justamente essas histórias escondidas e aponta medidas que os órgãos públicos recomendam às empresas, para garantir melhores condições de trabalho nos frigoríficos. O objetivo desta publicação, produzida com apoio da Catholic Relief Services (CRS) e da TAM Linhas Aéreas, é levantar esse debate na sala de aula e na comunidade.

Realização:



Apoio:

